

## EDOUARD SÉGUIN E A EDUCAÇÃO ESPECIAL: HISTÓRIA E ATUALIDADE DE SUA OBRA

*Mauren Lúcia Tezzari<sup>1</sup>*

### Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar, de maneira breve, um pouco da vida e da obra de Edouard Séguin, um dos fundadores da área do conhecimento hoje denominada Educação Especial. Esse resgate se justifica na medida em que sua obra, tão valiosa para essa modalidade de ensino, é muito pouco conhecida no Brasil. Além de pouco conhecida, muitas vezes é avaliada de forma negativa a partir de análises superficiais. Trata-se de um trabalho pioneiro, que abalou ideias arraigadas e errôneas a respeito da deficiência mental (então idiotia) e das capacidades das pessoas por ela acometidas. Em meados do século XIX, Séguin elaborou um completo método de trabalho (por ele denominado de método médico-pedagógico) para ensinar crianças e jovens que até então eram isolados do convívio social por serem considerados incapazes de qualquer tipo de aprendizagem. Muitas de suas ideias podem ser consideradas inovadoras ainda hoje em relação ao atendimento educacional das pessoas com deficiência mental e merecem ser mais bem estudadas e discutidas. O autor reconhecia os efeitos do quadro, mas acreditava profundamente na educabilidade desses sujeitos e foi na educação que ele encontrou respostas para muitas de suas questões ao longo de toda a sua carreira.

**Palavras-chave:** Educação. Educação especial. Deficiência mental. Medicina. Aprendizagem. Ação pedagógica. História.

---

<sup>1</sup> Professora de Educação Especial na Sala de Integração e Recursos (SIR), Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre; doutora em Educação - PPGEDU-UFRGS; integrante do Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (NEPIE) - PPGEDU-UFRGS. E-mail: [mauren.t@terra.com.br](mailto:mauren.t@terra.com.br)

*A discussão é o vento que leva mais longe o pólen do pensamento (EDOUARD SÉGUIN, 1997, p. 8, tradução minha).*

### **POR QUE RESGATAR A OBRA DE EDOUARD SÉGUIN...**

Há alguns anos a temática “educação inclusiva” está presente na maioria dos eventos relacionados com a educação. Também é significativo o número de pesquisas e publicações envolvendo esse assunto, na busca por algumas respostas ou pistas (mesmo provisórias) às incontáveis questões, dúvidas e desafios que essa perspectiva coloca à escola hoje. Parece claro que são necessárias mudanças significativas por parte de todos os segmentos escolares, envolvendo, também, o professor especializado em Educação Especial. Hoje esse profissional, assim como os demais, vê-se desafiado a repensar sua formação e sua prática e vem buscando uma atuação primordialmente pedagógica e centrada nas aprendizagens dos alunos.

Entretanto, durante muito tempo, o campo da Educação Especial esteve fortemente permeado pela influência da Medicina. Isso pôde ser percebido (e ainda pode) nas terminologias utilizadas, no enfoque do trabalho realizado, na compreensão da problemática dos sujeitos considerados da Educação Especial, nas perspectivas vislumbradas para cada aluno e no trabalho desenvolvido com eles. Essa influência está intimamente ligada ao próprio surgimento da Educação Especial como modalidade de intervenção em pessoas diagnosticadas como idiotas<sup>2</sup> nos primórdios do século (XIX).

<sup>2</sup> Esse era o termo empregado para fazer referência ao quadro de deficiência mental, que era considerado como um problema orgânico, sem possibilidades de alterações ou mudanças. Assim, não havia aposta quanto à educabilidade dos sujeitos com tal diagnóstico. Essa situação começa a mudar principalmente a partir do século XX.

Dessa forma, acredito ser bastante importante o resgate da história da Educação Especial. A apresentação e análise a respeito de personagens históricos que fizeram, em suas trajetórias de vida, o deslocamento da Medicina para a Pedagogia possibilita a compreensão das recentes alterações que vêm envolvendo a formação e a atuação do professor especializado em Educação Especial, em que é possível observar uma progressiva minimização dos aspectos clínicos e a crescente priorização daqueles pedagógicos.

As trajetórias, pessoal e profissional, de alguns médicos que voltaram seus estudos e trabalhos para a problemática das pessoas com deficiência mental marcaram profundamente o início da Educação Especial. Podem ser destacados médicos-pedagogos, como Jean Itard, Edouard Séguin, Maria Montessori e Janusz Korczak.

Considerando a dimensão possível para este texto, optei pela apresentação de Edouard Séguin, cuja vida foi pouco linear, com uma formação e atuação marcadas por idas e vindas, avanços e recuos, dificuldades diversas e muitos desafios; e, além disso, porque percebo que essa não linearidade também tem sido característica da história da Educação Especial. Considero importante destacar que, apesar da importância e influência de sua obra, ainda hoje, em nossa prática pedagógica (influência essa geralmente ignorada, desconhecida), o referido autor é muito pouco conhecido no Brasil. Proponho-me, assim, a apresentar um pouco de sua trajetória, analisando e refletindo a respeito dos efeitos de seu trabalho pioneiro nas características de um determinado tipo de ação profissional e, em especial, nas ideias relacionadas com a educabilidade de pessoas com deficiência mental.

## UM POUCO DA VIDA E DA OBRA DE EDOUARD SÉGUIN

Cidadão francês que viveu na efervescência do século XIX, Edouard Séguin (1812-1880) ficou conhecido como *l'instituteur des idiots* e foi o primeiro estudioso a descrever as características físicas das pessoas com síndrome de Down.<sup>3</sup> Apesar de não ter tido a notoriedade de outros “médicos-educadores”, pode ser considerado um dos fundadores da Educação Especial para pessoas com deficiência mental. A influência de sua obra pode ser sentida ainda hoje, embora seu trabalho seja pouco conhecido entre nós e até mesmo em seu país de origem. Autores como Maria Montessori (1870-1952),<sup>4</sup> sua fervorosa seguidora, e Désiré-Magloire Bourneville (1840-1909),<sup>5</sup> encarregaram-se de divulgar seus postulados. Infelizmente, sua biografia apresenta diversas lacunas e as razões de alguns movimentos feitos por ele em sua vida não podem ser esclarecidas com exatidão,<sup>6</sup> uma vez que há poucos elementos biográficos disponíveis.

Edouard Séguin nasceu em 20 de janeiro de 1812, em Clamecy, na França. Cancvaro e Gaudreau (1989) relatam que, em 1837, Edouard Séguin (então com 25 anos) passa a ser acompanhado e orientado por Jean Itard no tratamento de uma

<sup>3</sup> Ao descrever as características dos sujeitos acometidos pela idiotia, Séguin pontuou que, dentro desse grupo, havia uma espécie de subgrupo com características específicas, posteriormente atribuídas à síndrome de Down. Porém, ele não chegou a se aprofundar ou nomear esse quadro. É possível encontrar referências a isso também em *sites* que tratam dessa síndrome.

<sup>4</sup> Em 1900, copiou as 600 páginas do livro de Séguin a mão, pois não encontrou mais nenhum exemplar disponível para venda.

<sup>5</sup> Neurologista francês, empenhou-se na divulgação da obra de Séguin ainda quando este era vivo. Todos os seus alunos deveriam ler o livro de Séguin. Diante da impossibilidade de encontrar exemplares para compra, em 1906, Bourneville promoveu uma reedição em sua *Bibliothèque d'éducation spéciale*.

<sup>6</sup> É possível encontrar informações biográficas sobre Séguin em: PELICIER, Yves; THUILLIER, Guy. *Un pionnier de la psychiatrie de l'enfant*.

criança diagnosticada como idiota no *Hôpital des Enfants Malades*, em Paris. Itard conhecia o pai de Séguin, pois, junto com ele, fora médico no *Hôpital Val-de-Grâce*, muitos anos antes. É interessante observar que ambos (Itard e Séguin) têm um início de carreira bastante semelhante. Séguin, porém, cursava Direito e, não se sabe por que motivo, passou a se interessar pela educação dos idiotas.<sup>7</sup>

Séguin chegou a iniciar os estudos em Medicina na França mas, em função de desavenças com o meio médico, não deu continuidade ao curso em seu país natal. Tornou-se, primeiramente, um educador e, após alguns anos vivendo e trabalhando intensamente nos Estados Unidos, obteve o título de doutor em Medicina. Uma de suas grandes críticas aos médicos que escreviam sobre a idiotia na época era que eles não trabalhavam diretamente com esses sujeitos. Ele afirmava que os médicos famosos delegavam a parte prática de seus estudos (que Séguin considerava primordial) a auxiliares, e seus artigos eram escritos muito mais com base em suposições. Ele, ao contrário,

[...] soube tatear, experimentar, pressentir, explorar e ele fez tudo sozinho, sem um modelo: ele esteve só por dez anos, sem antecedentes, sem apoio; ele não sofreu nenhuma influência verdadeira, [...]; ele inventou seus métodos, seu material para a educação sensorial, adaptando-se a cada caso novo, analisando cada dificuldade: era um solitário (PELICIER; THULLIER, 1997, p. XI, tradução minha).<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Optei por manter o termo utilizado na época para fazer referência ao quadro de deficiência mental.

<sup>8</sup> Todos os trechos citados nesse texto e originalmente escritos em francês foram por mim traduzidos.

O contato com Jean Itard foi bastante significativo e permitiu-lhe confrontar várias de suas ideias com aquelas de seu orientador. Séguin logo renuncia aos postulados sensualistas do mestre, mas também percebe que a emergência das noções vai acontecer (conforme Séguin) por meio da experiência perceptiva direta. Avançou em relação à experiência de Itard ao destacar a necessidade de:

- a) integrar as aprendizagens da criança no grupo, no coletivo;
- b) considerar a importância do desenvolvimento tanto dos aspectos sociais como dos cognitivos;
- c) distinguir claramente os planos perceptivo e cognitivo da educação e favorecer a passagem de um plano a outro.

Capul e Lemay (2005), ao falarem sobre os primórdios da Educação Especial, destacam o trabalho de Edouard Séguin (entre outros personagens) afirmando que ele estabeleceu os fundamentos da construção dos métodos da Educação Especial. Entre seus inspiradores, além de Itard, estavam: Pereire, l'abbé de l'Éppé, l'abbé Sicard, F. Froebel, Pestalozzi.

Séguin denominou sua proposta de intervenção junto a crianças e jovens diagnosticados como idiotas de “método médico-pedagógico”, o que significava um método que levava em consideração as anomalias fisiológicas e psicológicas; um método que, para cada criança, partia do conhecido e do possível, por mais inicial que fosse a etapa em que ela se encontrasse nas escalas das funções, para levá-la, gradativamente e sem lacunas, ao conhecido e ao possível de todos.

Sem dúvida, Séguin era um organicista. Ele não negava as questões orgânicas de seus alunos, mas foi muito mais além disso ao apostar na possibilidade de aprendizagem deles, procurando instruir-lhes e torná-los o mais autônomos

possível. Sua proposta era de uma educação que considerava a pessoa integralmente: os aspectos físicos, as suas funções, os aspectos psicológicos (segundo os conhecimentos existentes nessa área na época), os interesses, a atividade física e a experiência. Destacava a importância do contexto e das experiências e vivências que o sujeito ali teria. Considerava importantes todas as ações do cotidiano (como vestir-se, alimentar-se) e acreditava que a criança necessitava do apoio de alguém, mas não uma interferência que a impedisse de realizar ações por si mesma. Considerando que ainda hoje essa é uma prática muito comum nas famílias e também nas escolas, Séguin certamente surpreendeu ao defender a autonomia e a capacidade das pessoas com deficiência mental.

Além disso, a educação deveria envolver: a atividade, a inteligência e a vontade, que, nas palavras de Séguin (1997), correspondem aos três aspectos de ser humano: o sentimento, o espírito, a moral. Para ele, a atividade é o sentimento traduzido em ato; a inteligência é a função do espírito; a vontade é a espontaneidade moralizada.<sup>9</sup> Considerava que, em termos de importância para o homem, a ordem dessas funções era inversa àquela trabalhada por ele, mas a educação deveria desenvolvê-las na ordem apresentada. A educação da atividade deve preceder a da inteligência e a educação da inteligência deve preceder a da vontade, porque o homem se move e sente antes de saber e ele sabe muito tempo antes de ter consciência da moralidade de seus atos e de suas ideias.

Esse estudioso via o professor como um pesquisador, cujo objeto de pesquisa era o aluno, o grupo e o contexto e, por conseguinte, a reflexão sobre a prática pedagógica como

---

<sup>9</sup> Esse termo tinha, na época, um sentido relacionado com a regulação e o controle das atitudes, dos comportamentos, sentimentos e hábitos.

aspecto fundamental para a continuidade da intervenção junto aos alunos. Seu ponto de partida para a elaboração de suas indicações era, nas palavras de Canevaro e Gaudreau (1989), a observação do próprio cotidiano. Outra de suas preocupações era que o educador fosse ao mesmo tempo um observador atento, de maneira que a capacidade de observação estivesse entrelaçada com aquela de estruturação. Recomendava que o educador tivesse um diário, pois o desenvolvimento da atividade educativa em cada dia seria a base sobre a qual poderiam refletir juntos, o educador e o próprio Séguin, no papel de especialista ou supervisor.

Em relação às famílias das crianças diagnosticadas como idiotas, Séguin também dirigia orientações quanto a manejos, de forma a promover o desenvolvimento da criança. Procurava estabelecer uma relação de comunicação para que as famílias não sentissem constrangimentos em relatar as situações relacionadas com o cotidiano da criança ou suas dúvidas e temores. Dirigia sua atenção a aspectos da vida da criança com o objetivo de superar possíveis obstáculos ao seu desenvolvimento.

Séguin foi um dos precursores do que foi posteriormente denominado como “métodos ativos”. Ele preconizava boas condições materiais, nutrição e vestimenta sempre adaptadas a cada criança, assim como recomendava atividades físicas para a tomada de consciência do próprio corpo, pois criticava com veemência a inatividade geral à qual a maioria das pessoas com deficiência era submetida.

Séguin defendia o trabalho com os sentidos, mas afirmava que não era a acumulação de noções que resultava na inteligência e no pensamento, mas sua combinação e correlação. Segundo esse estudioso, é preciso aprender a criar relações pelos jogos



de construção, pela aprendizagem lúdica e pela leitura e escrita. O trabalho devia iniciar por conceitos simples, avançando para os mais complexos, começando pelo global e chegando ao analítico, procedendo por meio de analogias, deduções, comparações. Quanto às relações sociais, ele defendia o trabalho coletivo. Além de desenvolver técnicas de ensino, o próprio Séguin projetou e fabricou uma grande variedade de jogos educativos que, mais tarde, serviram de inspiração à Maria Montessori.

Após trabalhar em *Bicêtre* (asilo em Paris) com o ensino de crianças idiotas, espaço onde teve uma relação difícil com Esquirol,<sup>10</sup> funda, em 1839/40,<sup>11</sup> também em Paris, na Rua Pigalle, número 6,<sup>12</sup> a primeira escola para a educação integral das crianças “atrasadas”. Esse empreendimento de Séguin pode ser considerado bastante inovador em relação às propostas até então existentes, que apontavam em duas direções: ou o isolamento total ou o recolhimento em asilos. Esses espaços acolhiam toda a sorte de pessoas consideradas desviantes, para as quais não era promovido qualquer tipo de atendimento

---

<sup>10</sup> Jean-Étienne Esquirol (1772-1840) era médico clínico e ortofrenista. Foi discípulo de Philippe Pinel, sucedendo seu mestre em 1811 como chefe do *Hôpital de Salpêtrière*. Dentre as autoridades médicas da época, foi aquela que mais influenciou o pensamento médico sobre a deficiência mental. Seus textos tornaram-se leitura obrigatória para médicos e pedagogos até o começo do século XX. O texto fundamental de Esquirol foi publicado em 1818. Diferenciou a demência (doença mental) da amênia (deficiência mental). Criou o termo idiotia e um novo quadro dentro da ampla categoria do idiotismo. Afirmou que a idiotia não era uma doença e indicou, como critério final para identificação dessa deficiência, o rendimento na aprendizagem. Com isso, ele legitima a entrada do pedagogo no estudo da deficiência mental. Também cunhou o termo de alucinação (PESSOTTI, 1984).

<sup>11</sup> Já foram encontradas as duas datas como da fundação da “escola” de Séguin.

<sup>12</sup> Menciono o endereço da escola porque, em todos os textos que tratam sobre Séguin aos quais tive acesso, até agora, há a menção do endereço como uma espécie do nome do estabelecimento.

educacional. Séguin, em sua obra, propõe um trabalho educativo efetivo com crianças diagnosticadas como idiotas. É possível observar em seu método uma lacuna, no que diz respeito à presença de uma clara e coerente teoria do desenvolvimento (na verdade era um conhecimento que ainda não existia, mas Séguin já apontava, em sua obra, dados para uma epistemologia do desenvolvimento). Constata-se que era uma conceitualização muito avançada para a época, no que diz respeito às leis fundamentais da aprendizagem. O trabalho na escola durava mais de seis horas diárias e, para potencializá-lo, Séguin fabricou uma grande variedade de jogos. Anos mais tarde, Maria Montessori afirmou claramente que devia a quase totalidade de seus materiais à Séguin, mesmo não os utilizando de acordo com as proposições de seu criador. Para ele, os alunos deveriam construir ideias e noções por meio do jogo, mas trabalhando em grupos ou coletivamente.

Esse estudioso leva em consideração aspectos como o sexo, o temperamento, a hereditariedade, os antecedentes, os agentes atmosféricos, antes de estabelecer um tratamento. Também respeitava os fatores afetivos e a espontaneidade, incentivando o desenvolvimento da iniciativa e da autonomia. Dessa forma, cada aluno era olhado na sua individualidade, com características específicas e inserido em um determinado contexto ou realidade. Era uma proposta potencializadora, ou seja, partia daquilo que a criança apresentava, levando em consideração os efeitos advindos de suas deficiências, mas apoiando-se, sobretudo, nas possibilidades e potencialidades do sujeito. Por acaso não é o que ainda hoje se busca no trabalho com pessoas com algum tipo de deficiência? Essa não é uma meta ainda a ser alcançada pela Educação Especial e também pela educação em geral?

Em dezembro de 1846, ainda na França, Edouard Séguin publica o que é considerado como sua obra mestra, o livro: *Tratamento moral, higiene e educação dos idiotas*.<sup>13</sup> A respeito dessa obra, Pessotti (1984) observa que, de imediato, é possível perceber o amplo domínio teórico e metodológico acerca de um conhecimento que posteriormente será denominado Educação Especial.

Uma das inovações teóricas presentes em seu livro refere-se à nítida distinção entre idiotia, imbecilidade e debilidade, entendidas não mais como simples graus de carência de funções intelectuais, mas como enfermidades diferentes, com etiologias também distintas, o que representou um abalo na doutrina unitarista da deficiência. Além disso, todos os aspectos de seu trabalho até aqui referidos estão presentes no seu livro. Não foram encontrados registros de outras publicações de livros pelo autor na França.

Entre os princípios educativos presentes na obra de Edouard Séguin, alguns deles apresentados por Canevaro e Gaudreau (1989) podem ser destacados, nos quais é possível perceber a postura inovadora expressa nas propostas pedagógicas desse estudioso:

A importância da repetição e da preparação sistemáticas. É importante esclarecer que, para Séguin, não se tratava de uma repetição sem sentido de atividades somente com o objetivo de automatizar ações. Tratava-se sim da realização de atividades e ações preparadoras para o desenvolvimento das habilidades ou dos conhecimentos pretendidos.

---

<sup>13</sup> No original *Traitement moral, hygiène et éducation des idiots*. Paris: J. B. Bailliére, 1846. Rapidamente, o livro tornou-se muito raro. Hoje existem, em três locais na França, exemplares daquela data em exibição ao público. Foi reeditado na França em 1980.

Importância de considerar o interesse da criança, partindo da sua atenção. Séguin considerava que as atividades propostas deveriam ser do interesse das crianças e, com essa ideia em mente, desenvolveu materiais e jogos específicos, por meio dos quais acreditava que poderia atingir os objetivos pretendidos de uma forma mais interessante e agradável para o aluno.

A necessidade de consolidar a aprendizagem por meio da manipulação concreta da realidade. Séguin também apreciava o desenvolvimento de atividades ao ar livre, em que as crianças poderiam, inclusive, ter contato com os animais e cuidar deles, pois a educação, segundo esse estudioso, só tem sentido no real e no lúdico.

A importância de formar as “noções” na criança, permitindo-lhe perceber as semelhanças e as diferenças perceptuais de base (atividades visuais, táteis, olfativas e cinestésicas).

A importância da coordenação das noções e dos gestos (o que hoje é denominado desenvolvimento psicomotor), como uma base sobre a qual será possível, mais tarde, acrescentar aprendizagens mais abstratas e, por isso, inicialmente mais difíceis.

A importância de proporcionar à criança oportunidades de manipular e jogar com materiais que proponham problemas educativos, desafios de aprendizagem. Já naquela época, Séguin acreditava que as crianças com deficiência mental não poderiam ficar restritas à realização de atividades automatizadoras. Ao contrário, defendia a ideia de que eram capazes de aprender e, para isso, precisavam ser desafiadas, sendo essa uma tarefa fundamental da educação.

A preocupação de Séguin com a sistematização metodológica do ensino às pessoas identificadas como idiotas, bem como sua insistência na necessidade de contextualização e ligação do trabalho com a vida real podem ser observadas em sua afirmação:

Para os idiotas, o problema da educação não consiste em substituir um modo único por outros modos de percepção que não existem;<sup>14</sup> ele reside, simplesmente, na possibilidade de regularizar o uso dos sentidos, de multiplicar as noções, de despertar as ideias, os desejos, as paixões de criaturas que, deixadas a elas mesmas, permanecerão sem laço, sem relação com o mundo exterior, restarão idiotas: é uma questão de dinâmica vital (SÉGUIN, 1997, p. 249, tradução minha).

Apesar do ineditismo do método e dos materiais pedagógicos por ele propostos, Séguin não gozou, em sua terra natal, do prestígio que merecia sua obra. Ao contrário, via-se bastante isolado e ressentia-se muito com o poder médico e a vida acadêmica, aos quais dirigia críticas contundentes. É possível supor que, apesar de um início de carreira promissor, essa não se concretizou na França. Séguin discordava das postulações médicas a respeito da deficiência mental e, na medida em que se posicionava vigorosamente contra elas, foi sendo isolado pelo meio médico, inclusive por estudiosos que inicialmente o apoiaram.

Em 1850, partiu com sua família para os Estados Unidos, onde encontrou espaço para suas ideias e desenvolveu uma sólida e reconhecida carreira como pesquisador e especialista em Educação Especial. Também em outros países da Europa sua obra ficou bastante conhecida. Ainda quando tinha sua escola

<sup>14</sup> Entendo aqui “modos de percepção que não existem” como situações artificiais, que não existem no cotidiano do aluno.

na Rua Pigalle, recebeu visitas de estudiosos de outros países, como a Inglaterra.

Conforme Gardou e Develay (2005), sob a influência de Séguin, foram criadas escolas especiais, e muitos hospitais (principalmente nos Estados Unidos) adotaram seu tratamento médico-pedagógico. Segundo os referidos autores, Séguin apresentava sua pedagogia baseada na funcionalidade da inteligência, na qual eram visados quatro objetivos maiores:

- a) o desenvolvimento e a regularização das funções motoras;
- b) o crescimento das esferas intelectual e artística;
- c) a estimulação das tendências morais e afetivas;
- d) a regulação dos instintos.

Todas essas orientações são submetidas à individualização do ensino e à regulação dos instintos (a então chamada educação moral). Mesmo rigorosa nos princípios e na sua aplicação, essa educação proposta unia o intelectual ao afetivo, buscando desenvolver a autonomia, a iniciativa, o imaginário e a arte. Séguin era muito inventivo e concebeu um aprimorado material didático, exercícios variados e progressões determinadas, passíveis de “[...] conduzir a criança idiota, da vida vegetativa para a das relações, da educação dos sentidos às noções, das ideias à moral” (SÉGUIN, 1846, apud GARDOU; DEVELAY, 2005, p. 37).

Esse importante personagem da história da Educação Especial morreu em 28 de outubro de 1880, em New York, tendo alcançado, em seu país de adoção, elevado prestígio e reconhecimento.

Gardou e Develay (2005, p. 37), ao referirem-se ao trabalho de Séguin, afirmam:

Este esforçou-se por demonstrar, junto dos mais excluídos entre os excluídos, que é o imperialismo da norma pretensamente científica que fecha o horizonte da educabilidade. Lembra que o singular constitui, em matéria educativa, a categoria decisiva.

### **ALGUMAS IDEIAS PARA FINALIZAR...**

Neste texto, foi apresentado um breve recorte da obra de Séguin que, em sua totalidade, demanda uma análise e reflexão muito mais aprofundadas, tendo em vista sua riqueza e complexidade. Mas, na medida em que sua trajetória está estreitamente ligada à Educação Especial, é fundamental a retomada desse estudioso para melhor compreender a constituição e evolução da sua carreira.

É possível perceber que, já em meados do século XIX, Edouard Séguin propõe uma educação integral do sujeito. Seu método médico-pedagógico (como ele mesmo denominava) envolvia todos os aspectos da vida da criança e demonstrava uma profunda crença em suas possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagem. Dessa forma, ele rompe com a visão da idiotia (deficiência mental hoje) como um quadro somente orgânico e imutável. Séguin não negava os aspectos orgânicos, mas foi muito além disso. Considerava de fundamental importância o meio da criança e as relações e experiências que ali aconteciam (ou que deixavam de acontecer e os efeitos disso). Defendia as atividades em grupo, as experiências concretas que cada sujeito estabelecia com o meio, com os objetos e, principalmente, com seus pares. Não via a inteligência como um acúmulo de conhecimentos, mas como fruto das relações que a criança construía.

A Educação Especial tem seu início nos estudos e experiências desenvolvidos por médicos estudiosos, como Jean Itard,

Edouard Séguin, Maria Montessori e, durante muito tempo, o médico foi o responsável pelo diagnóstico e pela indicação do “tratamento” adequado, representando a verdade derradeira a respeito dos sujeitos com deficiência mental. De forma geral, as propostas educacionais basearam-se nas faltas, nas limitações dos sujeitos, permanecendo muito arraigadas as ideias relativas ao caráter orgânico e imutável do quadro da deficiência mental. Em decorrência disso, de maneira geral, os trabalhos buscavam corrigir os desvios e praticamente limitavam-se a atividades mecânicas e repetitivas. Em relação a esses aspectos, ainda não é possível referir-se a eles como pertencentes ao passado, pois sabemos que ainda hoje existem, na Educação Especial, práticas que se restringem ao cuidado, ao treinamento de atividades de vida diária, sem desafios que possam promover efetivamente a aprendizagem dos sujeitos em questão. Também nas escolas do ensino comum, percebe-se a existência de muitas dúvidas quanto à capacidade de aprendizagem desses alunos em relação a conteúdos escolares formais.

Séguin, ainda na primeira metade do século XIX, constrói, a partir do seu próprio trabalho com os alunos, um método de intervenção pedagógica com postulados que ainda hoje questionam ideias arraigadas em relação a aspectos como a forma de identificação dessas pessoas (a partir de quais pressupostos?) e, conseqüentemente, às formas de atendimento propostas (que estão diretamente relacionadas com os critérios de identificação). Algumas ideias que hoje fazem parte do senso comum na educação (mesmo que possam ser questionadas) foram propostas por Séguin. Na época, essas ideias encontraram resistência e motivaram críticas no meio médico francês. Entre elas: o ensino deveria partir do concreto para o abstrato, do simples para o complexo, do conhecido



para o desconhecido. No entanto, ainda há, no trabalho de Séguin, diversos aspectos merecedores de análise e discussão em razão de sua atualidade e, também, por serem pontos ainda problemáticos no campo da educação de pessoas com deficiência mental.

É possível observar que, ao longo do tempo, o atendimento educacional às pessoas com deficiência visual e auditiva teve uma evolução mais favorável quanto à compreensão do quadro, aos seus efeitos na vida do sujeito, ao desenvolvimento do seu potencial e à sua inserção na sociedade. Em relação às pessoas com deficiência mental, a situação foi (e ainda é) bastante diferente. Encontramos pontos de tensionamento já na própria conceituação da deficiência mental, a respeito da qual parece estarmos ainda distantes de um consenso.

Ao retomarmos a história da Educação Especial, constatamos diferentes compreensões, conceituações e propostas educacionais dirigidas à deficiência mental. Mesmo no momento atual, em que buscamos o estabelecimento de processos inclusivos envolvendo todos os alunos, um dos pontos nodais refere-se ao atendimento dos alunos com essa deficiência. Nesse caso, trabalhos como o de Edouard Séguin certamente podem nos auxiliar na reflexão em torno da necessidade de construção de propostas de ação pedagógica que efetivamente desenvolvam o potencial do aluno, promovendo a sua aprendizagem e a evolução, respeitando suas características individuais. E não deveria ser essa a proposta de ensino para todos os alunos?

Para encerrar, reitero a importância que Séguin direcionava à educação das pessoas com deficiência mental e, em consequência, ao papel do professor de Educação Especial. Partindo da abordagem médica, considerando os aspectos

orgânicos (que não podem ser negados), esse estudioso deslocou para a educação a tarefa de promover seu desenvolvimento. Ele não via na Medicina essa possibilidade justamente pela restrição de sua ação a determinados aspectos da vida da pessoa. O papel do professor (de Educação Especial ou do ensino comum) como pesquisador em sua sala de aula e a importância da reflexão constante sobre seu fazer pedagógico, discutidos e defendidos atualmente, já eram por ele postulados na primeira metade do século XIX. Ele também destacava a importância da colaboração da família. Desse modo, todos os envolvidos com aquele aluno deveriam estar engajados, de alguma forma, no trabalho.

Muitos desses aspectos apontados pelo autor, há mais de 150 anos, são ainda questões a serem enfrentadas pela Educação Especial e o rumo que essa modalidade educacional tomará, a partir da perspectiva inclusiva, vai depender muito de sua capacidade de diálogo com as diferentes áreas, sua reflexão constante e sua capacidade de transformar-se, de reinventar-se cotidianamente.

## ABSTRACT

The following text has the purpose of presenting in a brief way a little of the life and work of Edouard Séguin, one of the founders of the area of knowledge named as Special Education. This recapitulation justifies as his work, so valuable for this modality of teaching, is very little known in Brazil. Although not very known, for many times it is evaluated in a negative way from superficial analyses of it. It is a matter of a pioneering work, that shook established and mistaken ideas on behalf of mental disorder (Idiocy, in that time) and of the capability of people affected by it. In the beginning of the 19<sup>th</sup> century Séguin elaborated a complete method of working (entitle the Physiological Method) to teach

children and young people that, up to the time, were isolated from society for being considered unable of any kind of learning. Many of his ideas may be considered innovative nowadays, related to education service for people that have mental disorder and deserve to be better studied and discussed. The author recognized the effects of the clinical diagnosis, but he believed deeply in the ability of being educated of this people and it was in education that he found answers for many of his questions all along his career.

**KEYWORDS:** Education. Special education. Mental disorder. Medicine. Learning. Pedagogical action. History.

## REFERÊNCIAS

- 1 CANEVARO, Andréa; GAUDREAU, Jean. **L'educazione degli handicappati: dai primi tentativi all' pedagogia moderna.** Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1989.
- 2 GARDOU, Charles; DEVELAY, Michel. O que as situações de deficiência e a educação inclusiva "dizem" às ciências da educação. **Revista Lusófona de Educação,** Lisboa, n. p. 31-45, 2005.
- 3 PÉLICIER, Yves; THUILLIER, Guy. **Um pionnier de la psychiatrie de l'enfant: Edouard Séguin 1812-1880.** Paris: Comité d'histoire de la sécurité sociale, 1996.
- 4 PESSOTTI, Isaías. **Deficiência mental: da superstição à ciência.** São Paulo: EDUSP, 1984.
- 5 SÉGUIN, Edouard. **Traitement moral, hygiène et éducation des idiots.** Paris: Comité d'Histoire de la Sécurité Sociale, 1997.

**Recebido em: 2-2-2010**

**Aprovado em: 23-2-2010**